

18 • Público • Quarta-feira, 28 de Agosto de 2024

Mundo Presidente francês recusou governo da Nova Frente Popular

Macron tenta novas negociações para encontrar um governo sem a esquerda

Apesar dos esforços do Presidente francês, para João Carvalho, investigador do ISCTE, só através de uma aliança com a extrema-direita é que seria possível um governo do centro, devido à rejeição da esquerda

André Certá

A decisão de Emmanuel Macron mudou tudo. O Presidente francês lançou uma nova ronda de negociações depois de, finda a primeira ronda, ter decidido recusar um governo formado pelas forças da Nova Frente Popular, que uniu a esquerda francesa.

Para tentar reunir uma maioria que, para Macron, garanta “estabilidade institucional”, o Presidente francês convidou para a nova ronda todos os partidos, rejeitando dois logo à partida: a França Insubmissa e a União Nacional.

Aos jornalistas, o Presidente francês afirmou ontem que “a porta” das negociações “está aberta” e que dará as “boas-vindas a todos os que queiram vir e continuar a trabalhar para os melhores interesses do país”.

Também ontem, o grupo parlamentar de pequenos partidos conhecido pela sigla LIOT reuniu-se com Macron. Hoje será a vez dos Republicanos.

Na base da decisão por Macron está a rejeição por parte das forças centristas e de centro-direita do programa da Nova Frente Popular e, de forma mais importante, da influência da França Insubmissa, partido mais radical dentro da Nova Frente Popular. Porém, os partidos da Nova Frente Popular cerraram fileiras e não aceitam a decisão de Macron, nem os que foram convidados novamente a aceitar ir a novas reuniões. Olivier Faure, líder do Partido Socialista (PS) francês, considerou que a declaração de Macron foi “absolutamente absurda” e questiona como se chegou a uma “negação da democracia assim”.

Sobre o convite de Macron, Faure nega “ser cúmplice de uma paródia da democracia” e disse que a resposta para ele é “simples”: não. Já a líder dos Ecologistas, Marine Tondelier, em entrevista à FranceInfo, também recusou o convite e acusou o Presidente de estar a roubar as eleições e de estar numa “deriva iliberal”.

Para o investigador do ISCTE-IUL João Carvalho, Emmanuel Macron pretende, ao rejeitar o programa de governo da Nova Frente Popular, “impedir a reversão das suas políticas” e acredita que “a esquerda está bastante coesa no programa eleitoral que acordou”.

“Um governo de esquerda implicaria a reversão da reforma do siste-



França Insubmissa marcou já a realização de uma manifestação contra a decisão de Macron que foi apoiada pelo Partido Comunista

ma de reformas da Segurança Social”, afirma o investigador, que sublinha que “isto revela que Macron não percebe que está numa situação minoritária”.

Para João Carvalho, a situação criada por Macron “tem consequências para a Presidência francesa e para a figura do Presidente da República”. Macron “foi o primeiro” a pôr em causa a “estabilidade institucional” utilizada pelo chefe de Estado como justificação para a rejeição da proposta de governo da Nova Frente Popular e da sua candidata, Lucie Castets, diz o investigador. “A estabilidade francesa foi posta em causa com o anúncio das eleições legislativas antecipadas”, sublinha João Carvalho, que aponta um futuro em que “essa instabilidade se irá manter”, pois será muito difícil para Macron formar um governo que não sofra uma moção de censura da esquerda.

“A aprovação de um governo de centro ou de uma figura técnica depende não só do campo de centro, mas também dos votos da extrema-direita”, afirmou o investigador, que aponta a possibilidade no futuro de o centro ter de colaborar com a extrema-direita para nomear um governo, algo que, aponta, “enfraqueceria totalmente a ‘barreira republicana’” contra essa mesma extrema-direita, que “possibilitou a Macron recuperar o segundo lugar” nas eleições e que parece ter-se transformado numa “barreira antiesquerda”.

De facto, os partidos do centro macronista, da direita e da extrema-direita tiveram a mesma posição face à proposta da Nova Frente Popular: a que iriam apresentar e votar a favor de uma moção de censura contra um governo de esquerda. Porém, como já foi referido, Macron excluiu desta segunda ronda o principal partido de

extrema-direita, a União Nacional, não se prevendo qualquer participação deste partido no governo.

Face à decisão de Macron, a França Insubmissa marcou ainda a realização de uma “manifestação contra o golpe”, que foi apoiada pelo secretário-geral do Partido Comunista Francês, Fabien Roussel, o qual pediu uma “grande mobilização popular”. Para além deste apelo, a França Insubmissa garante que vai cumprir a ameaça que já tinha feito e avançar com um processo de destituição de Emmanuel Macron no Parlamento francês.

Para a realização de uma destituição presidencial, é necessário a aprovação por dois terços em ambas as câmaras do Parlamento francês (Assembleia Nacional e Senado). Para o investigador, a destituição é improvável “mesmo que haja uma colaboração entre a extrema-direita e a

extrema-esquerda”, pois não há essa maioria no Senado. Para João Carvalho, a “figura do Presidente vai ficar enfraquecida” porque “se recusa a ler os resultados eleitorais e comporta-se não como o derrotado das eleições legislativas mas como o vencedor”, algo que, alega, pode trazer também “consequências para o centro político” em França.

“Esta situação pode estar a contribuir para uma polarização entre a esquerda e a direita no futuro, em que o centro será um actor menor”, afirmou, sublinhando que a primeira volta indicou uma vontade para uma “alternância política”, tendo a União Nacional e a Nova Frente Popular ficado à frente da coligação macronista.

“Se persistimos nessa via [do macronismo], acho que vai haver uma maior polarização política e as pessoas vão ter de escolher um dos lados”, conclui.

ID: 112824982

28-08-2024

França

Macron tenta encontrar um novo executivo sem a esquerda

Mundo, 18
